

A Rua sem «O Mundo»

A RUA SEM «O MUNDO»

Marcella Lopes Guimarães*

RESUMO: A obra de Miguel Torga (1907-1995) costuma ser ligada à ficcionalização de motivos telúricos, mas esses apelos generalizados não são os únicos. Este texto traz à cena uma obra ainda pouco lida do autor, *Rua* (1942), ambientada em cenário citadino e, mais especificamente, um conto inexistente hoje nas suas edições, «O Mundo», que sintetizava as questões mais presentes nas narrativas que o antecediam.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Portuguesa; Miguel Torga; cidade; conto.

RÉSUMÉ: *La production littéraire de Miguel Torga (1907-1995) est d'habitude identifiée aux thèmes agraires, de nature profonde, mais ce n'est pas que cela. Cet article s'occupe d'une œuvre encore peu connue, Rua [Rue] (1942), dont l'ambiance est celle de la ville, et spécifiquement d'un conte – «O Mundo» [Le Monde] –, de l'œuvre, mais qui synthétisait bien les questions les plus importantes de Rua.*

MOTS-CLÉS: *Littérature Portugaise; Miguel Torga; ville; contes.*

*À Teresa, com quem atravesssei essa Rua de
mãos dadas.*

*O meu perfil é duro como o perfil do mundo.
Quem adivinha nele a graça da poesia?
Pedra talhada a pico e sofrimento,
É um muro hostil à volta do pomar.
Lá dentro há frutos, há frescura, há quanto
Faz um poema doce e desejado;
Mas quem passa na rua
Nem sequer sonha que do outro lado
A paisagem da vida continua.*

(«Retrato» em *Diário VI*)

No dia 12 de Agosto de 2007, a Literatura Portuguesa e seus leitores comemoraram 100 anos do nascimento de Miguel Torga, pseudônimo literário do médico Adolfo Correia da Rocha, nascido em S. Martinho de Anta, concelho de Sabrosa, na região de Trás-os-Montes. Geralmente encarado como a personificação mais coerente do homem transmontano, teve e tem como idéias mais aceites sobre a sua obra aquelas que percebem o seu ambiente ficcional marcado por

*Mestra em Literatura Portuguesa pela UFRJ (com dissertação defendida sobre Miguel Torga e posteriormente publicada: *Visões da Cidade: Um Passeio por RUA de Miguel Torga*. 1.^a ed. Curitiba: Juruá, 2001). Doutora em História pela UFRJ e professora adjunta de História Medieval da UFRJ.

mitos agrários e pastoris, em grande parte de ressonância bíblica. A preferência por esta ambiência natural costuma ser justificada, com maior ou menor acuidade e em maior ou menor medida, pela origem aldeã do autor, «a partir d[a] qual o poeta contempla o mundo»¹. A obra de Miguel Torga, portanto, passou a ser entendida como uma espécie de ficcionalização – das mais pujantes em sua cultura – de motivos autenticamente telúricos.

A vastíssima produção do escritor – mais de 50 volumes entre poesia, prosa, teatro e diários – contribuiu para a generalização dessas noções que passaram a guiar a abordagem crítica da obra do autor. Esse reclamar a terra, que é portuguesa e ibérica, também transparece na escolha do apelido, um projeto de harmonia pretendido entre a vegetação que cresce rebelde nos pontos mais altos das serras galegas e transmontanas presas a rochas (torgas) e o desejo de estabelecer uma ligação maior com a cultura espanhola de tantos Miguéis...² Todos esses apelos ao telurismo, que constituem a visão generalizada e de certa forma correta, na maior parte do conjunto da obra do autor, não são, entretanto, os únicos. Este texto traz à cena uma obra ainda pouco lida de Miguel Torga, *Rua*, e mais especificamente um de seus contos, «O Mundo», inexistente nas edições mais recentes por desejo do autor.

Rua é uma obra assentada sobre um universo citadino particular, não ruidoso ou lisboeta, mas intermédio em sua maior parte, em que o campo é uma referência meramente episódica. Nesta obra a experiência do autor em cidades de estados brasileiros são recordadas por uma personagem que empresta nome e alcunha a um dos contos, «A Leonor Viajada».

Quando a primeira edição do volume de contos *Rua* veio a público, em 1942, Miguel Torga já havia publicado um terço de sua obra poética, uma peça de teatro (*Mar* – 1941), um *Diário*, os quatro dias de *A Criação do Mundo* (1937, 1938 e 1939), os celebrados *Bichos* (1940) e *Contos da Montanha* (1941). *Rua* é uma obra que nasce logo depois destas últimas obras citadas, certamente as que mais notabilizaram o seu autor. O novo livro, contudo, não segue a mesma tradição dos seus antecessores, como a sugerir que não é possível fazer contos da montanha a vida toda e que é preciso experimentar novos temas, renovar.

Em 1942, Torga só publicou, em primeira mão, *Rua*. Ora, no segundo volume do *Diário* há referência a uma obra publicada naquele ano:

Lá foi o livro para as quatro ou cinco pessoas a quem ainda, por amizade melancólica, ofereço as minhas coisas, sem a esperança duma linha sequer a dizer – cá recebi. Se eu lhes enviasse salpicões ou perdizes, era um caso – vinha uma carta a correr; mas mando versos...³

Não há qualquer edição de poemas ou reedição em 1942, ano do trecho do *Diário* aqui transcrito. O trecho só pode, portanto, ser atribuído a *Rua*. Nessa obra, não temos diante dos olhos os personagens duros e violentos – humanos ou

não – de Trás-os-Montes ou de outra qualquer paisagem telúrica, intensa e imensa, compatível com o gesto de um melancólico deus que teria de, ao fim do dilúvio, fechar «as comportas do céu»⁴; ou com um personagem que poderia considerar a terra toda «indivisível, nivelada na mesma serenidade e no mesmo destino de criar»⁵; ou com outros que se agitam por ruas compridas, onde há um largo, um cruzeiro, «a igreja e uma fonte a jorrar água muito fria. Montanha»⁶ ou ainda com uma Lúcia que, «ao cabo de quatro dias de vindima na Arrueda»⁷, parecia que não acabaria de cantar nunca mais! Temos, ao contrário, dramas encenados de forma contida numa rua triste⁸ e de pouco sol; numa pensão decadente⁹; num quarto onde a felicidade já não pode mais chegar¹⁰ ou ainda onde nascimento e morte, ainda que em relato, calam um médico generoso¹¹. Menos densos (?), os pequenos dramas urdidos nas tramas do tecido de *Rua* são de um lirismo (daí talvez a referência do diarista aos «versos») absolutamente universal.

Cruzando os dados das fichas técnicas de Miguel Torga, publicadas nas suas obras editadas pela Editora Nova Fronteira e nas edições do autor da Coimbra Editora, posteriores a 1967, é possível acompanhar os dois momentos em que *Rua* foi alterada por Torga – primeiro em 1956 (terceira edição) e depois em 1967 (quarta edição). A partir de então a obra não foi mais tocada pelo autor. Sem nos atermos ao comentário minucioso de todas as mudanças sofridas pela obra ao longo dos dois momentos de sua alteração, é importante destacar, entretanto, a supressão do conto «O Mundo» na terceira edição; a supressão do conto «Um Destino» e inclusão do conto «A Carta», ambas alterações feitas e mantidas a partir da quarta edição.

É certo que Miguel Torga alterou muitas vezes a sua obra. Alguns leitores e críticos chegam a afirmar que o autor acabou, em não raros momentos, por trabalhar em prejuízo da própria obra. Na verdade, Torga foi um obsessivo pela forma mais exata e nem sempre aquilo que acreditava aproximar-se dessa exigência correspondia às da Literatura ou às dos leitores, para sobreviver sem máculas ao momento da sua publicação. Torga refletiu muitas vezes sobre a perenidade da obra artística:

Mas só quem é imbecil, ou tem um certificado de Júpiter a atestar-lhe o génio, não sente o calafrio desta pergunta diante do que escreveu: – quantos anos? Estarão ali, preto no branco, páginas vivas a desafiar a traça dos séculos, ou simples folhas de papel impresso, condenadas durante a nossa própria vida a serem consumidas na mercearia ou no fogueteiro?¹²

A imprevisibilidade do futuro da obra literária é a idéia-síntese desta declaração de Miguel Torga. Talvez por isso o autor pouco se conformasse com a feição primeira de suas obras e as retrabalhasse incansavelmente. Não são poucos os momentos em que há nos *Diários* o testemunho dessa obsessão. Recorrendo mais uma vez a eles, não há qualquer referência a alterações impingidas a *Rua* em

1956 ou 1967. Relendo as páginas desse relato autobiográfico, principalmente os volumes VII (que abrange o período de 1953 a 1955), VIII (cujo registro vai de 1955 até 1959) e X (do ano de 1963 ao ano de 1968), o máximo que podemos encontrar são referências à publicação de outras obras, como o volume *Traço de União* (1955), com temas portugueses e brasileiros, publicado pouco depois da segunda viagem de Torga ao Brasil, em Agosto de 1954. Essa ausência de registros acerca das alterações feitas em *Rua* não é novidade, já que várias obras do autor foram reeditadas sucessivamente sem que fosse feita uma alusão ao fato no *Diário*.

A primeira alteração em *Rua* é a supressão do conto «O Mundo», única, aliás, que nos interessa aqui. Na primeira edição da obra, este conto é o último do volume, imediatamente posterior a «Pensão Central», que nas edições seguintes passou evidentemente a ocupar o lugar de último conto da obra. «O Mundo» é o nome de um jornal vendido pelo menino Jacinto nas ruas de Coimbra, provavelmente, já que a descrição do seu caminho, depois de pegar o jornal diariamente, corresponde à geografia desta cidade à beira do Mondego. É possível ler, a cada chamada do menino que lembra aos passantes o nome do jornal – «Olha O Mundo!» –, o desdobramento do seu sentido primeiro e estrito em outro mais largo e simbólico: olhe-se o jornal, e o mundo evidentemente. Ao mesmo tempo que acompanhamos a transformação do menino jornalista em homem – por intermédio da narração da mudança de sua voz, com a grave conseqüência do seu afastamento do trabalho –, lemos também as notícias «do mundo» por trás dos «títulos desmedidos», anunciadores da guerra, o retrato trágico de uma época.

1942, ano em que pela primeira vez é possível ver «O Mundo» na *Rua*, marca na leitura que fazemos, hoje, das fases da 2.^a Guerra Mundial, uma reviravolta nas vitórias do Eixo, motivada, sobretudo, pela entrada e ação dos Estados Unidos no grupo dos Aliados. Segundo Clara Rocha, desse período «historicamente crucial, encontramos vários reflexos na obra de Torga»¹³, assim como a Guerra Civil Espanhola já o fizera anteriormente. Em 1944, Torga afirma:

Esta guerra minou-me os alicerces. Intelectualmente, sou demasiado cidadão do mundo para poder olhá-lo sem sentir que longe dela atração tudo quanto penso e quanto desejo; fisicamente, sou excessivamente de S. Martinho de Anta para ir morrer a um campo de batalha fora das minhas fronteiras. De maneira que pareço um tolo no meio de uma ponte: quero morrer e viver ao mesmo tempo no mesmo instante. E o pior é que esse instante dura há anos, e não sei quando acabará.¹⁴

Com o passar dos anos e afastado do trabalho, a definir por incapacidade em casa, a lembrança do jornal passa a representar para o personagem Jacinto exatamente aquilo que seu nome denota. Em seu delírio, é ao mundo que Jacinto aspira; em sua miséria extrema, é pelo mundo – jornal, vida, «campo de batalha» – que o personagem clama. Seu desabafo final, na conclusão da obra, significava uma

abertura espetacular do universo da rua retratado nos demais contos – o mundo como síntese do espaço físico, social e íntimo.

É preciso fazer menção à extrema economia desse conto que, em elipses temporais, atravessa um tempo do enunciado bastante extenso em uma concentração do tempo de enunciação que, de um momento para outro, salta anos para dar conta da vida do personagem e do mundo em que vive:

O Jacinto parou, admirado. A Gracinda! Quem havia de dizer que gostava d'ele!
 – É quasi que já não vendeu jornais nesse dia.
 Eram horas de entregar a outro a saca de lona, o boné de pala, a bolsa de coiro e aquêlo grito matutino. E de ir, passando algum tempo, às inspecções, e ser considerado incapaz.
 – É da sua livre vontade receber por legítima mulher...?
 – É da minha livre vontade... (193/194)¹⁵

Em «O Mundo» temos um espaço físico urbano; há ali lugares nomeados como a «Rua das Rãs», endereço do menino Jacinto; o «Bêco do Fanado»; a «Rua da Gala» – todos estes, locais pobres e miseráveis. Em todos os sítios o que sobressai, em meio a «tanta podridão» (191), é a voz do jovem arauto que parecia «um clarim na alvorada» (191). Mais uma vez, e especialmente desta vez, por ser o desfecho da obra, o lugar de protagonista é dado ao povo, materializado no menino pobre e deficiente, mas de quem, diria o narrador, que «não havia micróbio capaz de embaciar o cristal puro daquela voz a dar contas da vida» (191/192).

A opção de natureza social tantas vezes propalada por Torga é ainda aqui política. Ao desmistificar a realidade visível, encarando por trás dela uma «outra verdade além da aparência» (192), o narrador de «O Mundo» eleva o seu protagonista à condição de símbolo da ordem que o jornal nomeia – «E o rapaz, doente e de gazeta no ar a ganhar a vida, assumia proporções irreais. Ele, por si, transfigurado naquela voz, um símbolo; o jornal – a bandeira» (192).

A voz límpida do arauto infantil das manhãs também sabe recobrar a sua vocação medieval ao anunciar a guerra em um mundo em que não era possível proclamar a paz – «Naquela mão juvenil a terra ia girando as suas voltas, com horas, dias, semanas, meses e anos em que tudo se resumia a raiva, a tiros e a cidades feitas em pó» (192). Apesar de tudo e mais uma vez ironicamente, em meio a tanta miséria, a infância de sua voz ainda «anunciava a vida» (193) aos ouvidos das pessoas, e só quando ela teimou em crescer, «a maturidade soou mal aos ouvidos de todos» (193) porque «a apregoar o estendal das suas negras misérias a humanidade queria uma voz insuspeita de criança» (193).

A voz adulta recusada pelo «mundo» circundante, por chamar responsabilidades a todos, chamou para o menino a aposentadoria precoce – «Eram horas de entregar a outro a saca de lona» (193), ao mesmo tempo em que chamou o amor – «É de sua livre vontade receber por legítima mulher...?» (194). No momento

em que se dá essa passagem vital, inaugura-se no conto também o confronto entre o espaço externo, as ruas, e o espaço interno, a casa. À liberdade das ruas, à infância, à clareza de uma voz que atravessava e vencida a miséria diária sobre- põem-se o enclausuramento doméstico, a maturidade e o murmúrio vencido pela miséria e pela doença. Desse conflito contido pelo apertado da casa, quase podemos entrever, menos de uma década depois, a voz poética que diria:

[...]
 Apetece gritar, mas ninguém grita.
 Apetece fugir, mas ninguém foge.
 Um fantasma limita
 Todo o futuro a este dia de hoje.
 [...]
 Ó maldição do tempo em que vivemos,
 Sepultura de grades cinzeladas
 Que deixam ver a vida que não temos
 E as angústias paradas!¹⁶

Neste quadro novo, em que a vida passava à janela, e no qual o homem Jacinto era um corpo deitado na enxerga «a acabar de apodrecer» (194) só o amor parece ser herdeiro do passado vivificante, a conservar o carinho mútuo dos primeiros anos no protagonista e em Gracinda, sua esposa. No espaço íntimo, em que reina, ao lado da dificuldade total, o amor dos dois, é que podemos encontrar a consubstanciação paradoxal de Jacinto. Ao desejar dar o céu e a terra à sua mulher, o protagonista tinha «no sangue, em vez da seiva da terra, aquelas seis páginas em tipo seis./ – O mundo ...» (194). O mundo, assim, com letra minúscula, a lubridiar os nossos olhos que esperavam o itálico maiúsculo do jornal. Ao desejar dar o céu e a terra à Gracinda, Jacinto tinha só o mundo como horizonte de expectativas... Seu apelo final – «Pelo amor de Deus vai-me comprar O Mundo...» (195) – é o clamor do ser consubstanciado no fim da narrativa – homem no mundo e mundo no homem, relacionados na irônica proposta que se situa entre comprar o mundo e possuir o mundo.

O conto «O Mundo» poderia ser uma importante síntese da obra, porque nele se encontram representadas as questões fundamentais dos contos que o antecedem – a realidade das ruas, espaço livre do povo, onde a vida é ganha e onde o amor mais espontâneo acontece entre o passar diário e um olhar oblíquo pela janela; o choque entre o exterior, as ruas, e o interior nada abrasador das casas, lugar em que a miséria é compartilhada; o interior físico e angustiante da casa e o interior revelado dos personagens; o mundo externo e estrangeiro e o mundo íntimo.

Já foi dito que não há registro no *Diário* das mudanças feitas por Torga em *Rua*. Entretanto, há um momento, no oitavo volume do relato autobiográfico, em que a temática do conto e da vida do diarista se cruzam de maneira ímpar. No

dia 27 de Outubro de 1957, na cidade do Porto, o diarista registra a sua internação para uma intervenção cirúrgica que ocorreria no dia seguinte:

Estendido na cama, enquanto não começam as picadelas propiciatórias, vou filosofando: talvez o caso seja menos grave do que as radiografias dizem, talvez não haja necessidade de fazer uma ressecção, talvez... Lá fora, a vida continua na lufa-lufa, e é ela, no fundo, que me importa. Um elétrico... Um automóvel... Um ardina a apregoar jornais... Não sei se os oiço, se os adivinho. Mas acompanho com os ouvidos atentos o som do movimento e das vozes. Desde que o mundo não páre, nada está perdido...¹⁷

Neste trecho o diarista parece se colocar em uma situação semelhante à vivenciada pelo protagonista do conto «O Mundo». Tanto ele quanto Jacinto encontraram-se imobilizados por um problema físico e, enquanto essa «incapacidade» os tolhe, eles observam o mundo à sua volta, que não pára. Outra vez, o interior restrito do recinto se opõe à vida livre, localizada nas ruas. Ainda no trecho, é interessante constatar a presença do «ardina a apregoar jornais» e esta presença no *Diário* parece vingar-se do espírito crítico que a expurgou do seu conto de origem. De 1956, ano da publicação da terceira edição de *Rua*, à data de registro do trecho acima, só um ano se passara. Embora possamos jogar intertextualmente com os textos de registros diversos, é preciso lembrar que, apesar dessa possível transgressão, o conto jamais voltará à obra.

Essa ausência sempre me perturbou. Por que tirar «O Mundo» da *Rua*? Por que negar a presença simbólica de Jacinto, seu desejo do mundo, a possibilidade de o amor resistir às «angústias paradas» ou de o mundo, na cena literária, sintetizar o volume e, na empírica, depois da guerra (o conto some em 1956), voltar à rua? Esse gesto parece revelar a contracorrente de um processo que aproximou o mundo no século passado, quando as imagens de conflitos distantes passaram a chegar à nossa casa ao simples apertar de botões do aparelho de televisão à hora em que cessam as conversas para deixar falar os arautos do nosso desencontro ou os personagens das ficções eletrônicas... Excluir o mundo da rua pode significar a recusa de um espírito mais global, que aproximaria diferentes sem lhes anular as idiossincrasias... ou não. Será que qualquer um de nós pode apontar hoje que a revolução do mundo eletrônico pós-moderno aproximou as pessoas? Talvez a recusa de Torga nas edições subsequentes de *Rua* exemplifique o que Fernão de Magalhães Gonçalves havia percebido sobre o autor: «escreveu a sua obra e viveu toda a sua vida de “relações cortadas” com a sociedade que o rodeia e os homens que a dirigem»¹⁸. Ora, antes de nascer, talvez o mundo já estivesse condenado pelo poeta, pois da prisão do Aljube (dois anos antes de *Rua*), ele só poderia, encerrado como Jacinto, ver Ariane passar...¹⁹ Hoje, mais de dez anos depois da primeira vez em que li *Rua* de Miguel Torga, talvez esteja mais próxima de compreender afinal o quanto falta para devolver o mundo às nossas ruas.

- ¹ Rocha, Clara. *Miguel Torga – Fotobiografia*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2000, p. 25.
- ² Em 1934, «com o livro *A Terceira Voz*, «despede-se» literariamente do nome civil que usou nas primeiras publicações e adopta o pseudónimo Miguel Torga», in Rocha, Clara. *Op. cit.*, p. 58.
- ³ *Diário II*. 4.^a ed. Coimbra: Coimbra, 1977, p. 35.
- ⁴ Conto «Vicente» de *Bichos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996, p. 135.
- ⁵ Conto «Mariana» de *Novos Contos da Montanha*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1999, p. 113.
- ⁶ Conto «A Maria Lionça» de *Contos da Montanha*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996, p. 15.
- ⁷ Conto «A Vindima» de *Contos da Montanha*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996, p. 187.
- ⁸ Conto «Não Venha mais...» de *Rua*. Coimbra: Coimbra Editora, 1985, p. 7.
- ⁹ Conto «Pensão Central» de *Rua*. Coimbra: Coimbra Editora, 1985, p. 169.
- ¹⁰ Conto «A carta» de *Rua*. Coimbra: Coimbra Editora, 1985, p. 31.
- ¹¹ Conto «Um dia triste» de *Rua*. Coimbra: Coimbra Editora, 1985, pp. 73-76.
- ¹² *Diário II*. 4.^a ed. Coimbra: Coimbra Editora, 1977, p. 99.
- ¹³ Rocha, Clara. *Op. cit.*, p. 86.
- ¹⁴ Torga *apud* Rocha, Clara. *Ibidem*.
- ¹⁵ Todas as citações do conto «O Mundo» foram retiradas da primeira edição da obra (1942). As páginas das quais os trechos foram colhidos encontram-se entre parênteses logo após a sua transcrição.
- ¹⁶ «Dies Irae» em *Cântico do Homem* (Torga, Miguel. *Poesia Completa*. V. I. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2007, p. 387).
- ¹⁷ *Diário VIII*. 3.^a ed. Coimbra: Coimbra Editora, 1976, p. 89.
- ¹⁸ Gonçalves, Fernão de Magalhães. *Sete Meditações sobre Miguel Torga*. Coimbra: Coimbra Editora, 1976, p. 23.

«Ariane é um navio.
 Tem mastros, velas e bandeira à proa,
 E chegou num dia branco, frio,
 A este rio Tejo de Lisboa.

[...]

Mas eu não pude ainda por meus passos
 Sair desta prisão em corpo inteiro,
 E levantar a âncora, e cair nos braços
 De Ariane, o veleiro.»

(*Diário I*. 7.^a ed. Coimbra: Coimbra Editores, 1989, p. 126.)